

O Estranho Impacto da Observação: Inconfidências do grupo de observação de bebês¹

Maria Cristina Dias (SBPMG e SPRPE)², Belo Horizonte, João Pessoa

Daniela de Castro Brito Landim Pinheiro (SBPMG)³, Belo Horizonte

Resumo: Diante da diversidade que as observações da relação mãe-bebê, fundamentadas no método Esther Bick, nos apresenta, os analistas-observadores são frequentemente convidados a compartilhar com o grupo um campo enigmático de sensações, por vezes irrepresentáveis, experienciado na estranha vivência da relação observador-mãe-bebê. O desafio é lidar com o inquietante desencadeado dentro de si com base na vivência daquela intimidade familiar. Partindo da experiência emocional vivenciada nas observações da dupla mãe-bebê e seu impacto no grupo de observação de bebês, as autoras propõem uma reflexão acerca dos estranhos processos que ocorrem no grupo frente às manifestações da mente primitiva atualizadas no relato das inconfidências do observador, a partir do encontro com a dupla.

PALAVRAS-CHAVE: Método Esther Bick. Relação mãe-bebê. Observação.

Diante da diversidade que a observação de bebês, fundamentada no método Esther Bick, nos apresenta, os analistas-observadores são convidados a compartilhar com o grupo sensações, por vezes irrepresentáveis. Rosella Sandri retrata, de forma poética, essa experiência emocional vivenciada nas observações da dupla e seu encantamento diante da eclosão da vida psíquica de um bebê, que se desenvolve “sob os olhos” do observador e do grupo.

1 Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise FEBRAPSI-BH/MG. 2019.

2 Psicóloga e Psicanalista. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) e da Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE). Docente e Analista Didata da SBPMG.

3 Psicóloga e Psicanalista. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Maria Cristina Dias, Daniela de Castro Brito Landim Pinheiro

É tão fascinante como assistir ao desabrochar de uma flor, instante a instante, graças a um instrumento que permite ver o que não é visível a olho nu. Creio que esse encantamento também estimula a curiosidade do grupo, tornando-se um dos principais motores de sua dinâmica interna (1997, p. 63).

A observação de bebês foi introduzida na Clínica Tavistock em 1948 e, em 1960, passou a integrar o currículo do Instituto de Psicanálise em Londres. Foi amplamente adotada em vários institutos de ensino na Europa e na América Latina. Em 2017, a SBPMG implantou o Curso Desenvolvimento Emocional Primitivo – Observação Psicanalítica da Relação Mãe-Bebê (Método Esther Bick)⁴. O método Bick de observação é constituído por três momentos: o momento da observação propriamente dita; o momento do relato da observação contendo a descrição narrativa daquilo que foi observado; e o momento da leitura e discussão do relato da observação em grupo.

O⁵ grupo de observação de bebês da SBPMG formou-se com oito participantes e uma Coordenadora. Três colegas iniciaram as observações logo nos primeiros meses do curso. Gradativamente, outras três. Duas observaram bebês gêmeas. Foram oito participantes, oito bebês observados, e apenas seis observadoras.

O “estranho” do método de observação de bebês surge já na busca da família a ser observada. Aí, há um viés com a clínica, pois nesta o paciente chega até o analista. Na observação de bebês, o analista observador procura uma família e lhe oferece a observação. Sendo aceito, ele participa da rotina e da intimidade daquela família por, pelo menos, um ano, semanalmente. Ele está dentro da casa de uma família, para o que foi autorizado e com a qual se envolve afetivamente: respeita e lhe é grato. Ao mesmo tempo, a sua ética analítica está à frente. Ele não é um parente, não é um amigo, não é o vizinho - é o observador. Seu desafio é lidar com o que lhe é inquietante, que lhe causa estranheza, com o que é desencadeado dentro de si, pela vivência daquela intimidade familiar. Ele tem o conhecimento da clínica, mas a situação ali é da ordem do inusitado: do estranho-familiar. A ele é recomendado estar em análise pessoal durante o período da observação, quando convive com um campo enigmático de emoções.

4 Com vistas ao início da oferta da Formação de Analistas de Crianças e Adolescentes na SBPMG, proposta que se tornou realidade em 2022.

5 Primeiro grupo. O segundo grupo de Observação de Bebês teve início em 2022 e está em curso.

O Estranho Impacto da Observação: Inconfidências do grupo de observação de bebês

O observador entra em contato com um bebê e com uma mãe, ‘recém-nascidos’, e com a intensidade das emoções envolvidas nessa relação. Ele se convida e é convidado a participar desse cenário vivo onde, cada ação, cada olhar, cada reação tem repercussões múltiplas. O novo ser e sua mãe estão com as emoções à flor da pele. Um ser que se tornou dois e dois seres que, em alguns momentos, ‘se tornam um’. Uma revoada de intensas emoções. Um oceano profundo que, mesmo quando em calmaria, traz em si a possibilidade da turbulência, do novo, do incognoscível, do imprevisível. Dois seres que formam um, tentando se entender, desenvolver e se diferenciar.

A presença constante e não invasiva do observador naquele ambiente torna-o uma pessoa confiável para as confidências e as inconfidências da mãe e, às vezes, da família. Com certa frequência, a mãe está só e às voltas com as demandas do bebê, recém-nascido. Por vezes, o observador entra em contato com o que se propõe a não aparecer, a não emergir naquela família, vivencia o impacto emocional da situação e torna-se continente de muitas projeções. Mas o que fazer com o que ele recebe e capta? Ele não está ali para tratar, e sim para observar. Conter, lidar, processar, registrar e relatar. Para Esther Bick (1964),

Seria importante que o observador se sentisse suficientemente dentro da família para experimentar o impacto emocional, mas fora o suficiente para não reagir a qualquer papel imposto a ele; como o de dar conselhos ou demonstrar a sua aprovação ou desacordo. O que não o impediria de ser prestativo caso uma situação especial ocorresse (p. 558).

Quanto mais o observador conseguir encontrar um lugar para si, que garanta um certo envolvimento e um distanciamento ‘ótimo’ das questões familiares, sejam estas a ele confiadas ou não, melhor resultado ele obterá. O propósito é observar e o desafio, não intervir diretamente. É o impacto do estranho lugar da observação de bebês, provocando alterações significativas no observado.

O observador conta com o grupo de observação para compartilhar as suas estranhezas vividas frente àquela situação conhecida e estranha ao mesmo tempo. É pelo relato de suas observações que ele e o grupo viverão outro momento inusitado: a cena grupal. De acordo com Rosella Sandri (1997):

Maria Cristina Dias, Daniela de Castro Brito Landim Pinheiro

O grupo não é, pois, apenas o receptáculo das identificações do bebê e sua família, mas também é “ator” de uma peça da qual ele ignora de início o argumento: nesse sentido, o grupo e o observador criam para si também um bebê. No trabalho de observação, trata-se, frequentemente, de inventar algo de novo em sintonia com o bebê que se desenvolve e que tem a impressão de “inventar o mundo” (p. 67).

No texto “Notas sobre a Observação de Bebês na Formação Psicanalítica” Esther Bick (1964) enfatiza a importância da continuidade e regularidade da observação da dupla mãe-bebê e afirma que “na experiência do seminário é que se pode ver um padrão aparente emergindo em uma observação, mas só se pode aceitá-lo como significativo se ele se repetir de uma mesma maneira ou numa situação similar em várias observações subsequentes.” (p. 562).

Torna-se necessário se deixar despertar e ter a disponibilidade para observar repetidas vezes o mesmo fato - o sol dá um espetáculo ao nascer, no entanto a maioria da plateia pode continuar adormecida. O bebê está desenvolvendo-se, o observador, de fato, precisa estar presente regularmente para entender a dinâmica existente e a desencadeada dentro e fora de si na vivência daquela experiência. Ele está às voltas consigo próprio, com as suas emoções frente ao que ocorre no exterior, alvo de suas observações e, também, com a cena grupal.

Ao voltar o seu olhar para o bebê e para as suas relações, o observador pode se dar conta de um padrão existente de organização da dinâmica familiar e o quanto este afetará o desenvolvimento do bebê. O bebê deixa de ser algo sobre o qual se fala. Ele está ali, em toda plenitude de seu desenvolvimento. Disponível. Os padrões vão aflorando aos olhos do observador atento. Algumas vezes, são percebidos e destacados pelo grupo durante o relato do observador, antes mesmo de este se dar conta deles. A partir daí, o padrão destaca-se da cena e torna-se alvo do desejo de conhecer, do observador.

A Coordenadora do grupo chamou a atenção para padrões que se destacaram nos relatos de experiências do observador e que passaram despercebidos para este e para o grupo, pois ainda não configuravam um padrão de funcionamento. Olhares de surpresa foram trocados entre membros do grupo, quando a Coordenadora pediu que o observador relese um trecho de sua observação, ou para detalhar mais a sua percepção daquela vivência. A partir daí, algo descortinou-se aos olhos do observador e do grupo.

O Estranho Impacto da Observação: Inconfidências do grupo de observação de bebês

Momentos delicados, diante dos quais a cena grupal se tornava um espaço continente e reprodutor de ‘reatualização’ do estranho excluído. Diante de alguns impasses, a Coordenadora recomendava que nos aquietássemos, incentivava atenção, cuidado e observação.

Diante do relato preocupado da observadora Daniela, de um padrão de comportamento do bebê Pedro, que sinalizava um possível atraso em seu desenvolvimento, uma colega do grupo ficou incomodada porque a Coordenadora orientou a observadora a não intervir, apenas observar. “O bebê Pedro está se desenvolvendo, não é o caso de intervir”. A mesma colega indignou-se e o grupo “tensionou”. A Coordenadora acolheu as projeções do grupo, processou-as e as devolveu de forma palatável, o que exigiu dela uma capacidade de *rêverie* para com o grupo naquele momento. Refere-se aqui à capacidade de acolher as projeções e identificações projetivas do observador/grupo, de transformá-las e devolvê-las com algum significado, ou seja, com a possibilidade de o observador/grupo representá-las em sua mente.

Esse processo requer do analista/coordenador do grupo capacidade suficiente para desintoxicar as projeções do volume de angústia das quais elas vêm impregnadas e de devolvê-las para o observador/grupo, passíveis de serem processadas por ele (Bion,1962). Momentos como esse definiram a continuidade do grupo. A sensibilidade e o conhecimento técnico-científico da clínica do bebê apresentados na hora certa pela Coordenadora foram elementos essenciais para a evolução contínua do grupo.

A observadora manteve sua capacidade continente e, aos poucos, o desenvolvimento saudável de Pedro foi se descortinando nos relatos emocionados de Daniela. Cada conquista do bebê Pedro era intensamente vivida pela observadora, e sua vibração contida pela presença receptiva às palavras e gestos da mãe e de Pedro, que foram reencontrando os caminhos do desenvolvimento saudável, possibilitando emergir a figura do pai naquela relação, tão dual: mãe-filho.

É principalmente a função continente do observador que confere ao método Bick de observação um caráter clínico (Caron, 1995; Cresti & Lapi, 1997; Mélega, 1995, 1997; Talberg, 1995).

É difícil consolidar uma ideia da complexidade do que se passa numa observação de bebês, até experienciá-la e revivenciá-la junto ao grupo, num espaço sintônico e continente para o estranho nas vivências do analista/observador.

Maria Cristina Dias, Daniela de Castro Brito Landim Pinheiro

Foram muitas as reflexões acerca dos estranhos processos que ocorreram no grupo frente às manifestações da mente primitiva atualizadas no relato das inconfiências do observador a partir do encontro com a dupla. Muito a dizer dos bebês observados: do desabrochar do Daniel; da liderança e perseverança do Miguel; da intensidade e dos desafios das duas observações das crianças gêmeas; das artimanhas utilizadas pelos irmãos mais velhos para conquistar a atenção das observadoras para si próprios. Foram muitas narrativas que compuseram teias significativas de vidas, tecidas com amor, gratidão, coragem e trabalho.

Nesse grupo todos os bebês observados seguiram o fluxo do desenvolvimento normal, esperado pela idade, ainda que alguns deles tenham tido que se esforçar mais do que outros, em algumas etapas do desenvolvimento, para acessar recursos próprios e seguirem em frente. A Observação de bebês favorece o desenvolvimento da capacidade negativa do psicanalista de suportar o tempo de cada paciente.

Destaca-se mais um processo: quando chegou à observação, Cristina encontrou a mãe com Clarice no colo, aguardando-a no portão da casa, prontas para irem ao Posto de Saúde. No ímpeto, Cristina se dirigiu para o próprio carro. Quando o carro entrou em movimento a mãe gritou e disse que havia “joaninhas enormes” no interior do carro. A observadora parou, desceu e ao ‘socorrer’ as duas, mãe e filha, se deparou com pequeninas joaninhas e as retirou. A mãe se sentiu ameaçada e aflorou nela uma percepção persecutória da situação.

A observadora se mostrou prestativa diante de uma solicitação da mãe, como previsto por Esther Bick (1964). Pode-se pensar que o *setting* oficial foi “quebrado”: a mãe estava dentro do carro da observadora, e não a observadora dentro da sua casa. Algo saiu fora do estabelecido e possibilitou a emergência de um padrão de funcionamento de Ana, o qual, possivelmente, voltaria a se apresentar em outras ocasiões.

Na ata do curso de observação de bebês, do mês de janeiro de 2019, consta que Cristina comenta do vestido de tule preto com flores coloridas que Ana comprou para Clarice para a passagem de ano. Clarice estava com menos de cinco meses de idade. A observadora experimentou um sentimento de oposição, de diferente. Uma colega expressou sua estranheza diante do fato e disse que ele não condizia com a leveza apresentada pela mãe, até então. Daniela pontuou que o outro lado de Ana apareceu, talvez, por esse motivo (leveza/ peso).⁶

6 Ata do Curso da SBPMG de Observação de Bebês do mês de Janeiro de 2019.

O Estranho Impacto da Observação: Inconfidências do grupo de observação de bebês

Na ata de fevereiro, Ana comentou com Cristina sobre a fala do pai de Clarice comparando que, ao engatinhar, a filha se arrastava como faziam bombeiros na lama, referindo-se ao rompimento da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG. Para o grupo, foi uma comparação infeliz; para Cristina, foi uma analogia exata: “Ela engatinha assim mesmo, tem agilidade corporal”. A Coordenadora retomou e insistiu em dizer que a comparação do pai foi pesada, porque a imagem era a cena dos bombeiros deitados sobre a lama procurando os corpos.

Nos relatos acima, observou-se o aflorar de angústias primitivas de Ana que davam o “colorido” às vivências da dupla mãe-bebê, naqueles momentos. Apontavam algo doloroso. Como em um processo analítico, cabia ao observador ser continente, processá-las e integrá-las no seu psiquismo, sem atuar.

O estranho é aquilo que traz em si algo que nos é familiar, do contrário seria assustador, e não, estranho. O sentimento de estranheza, vivenciado pela observadora naqueles momentos, advinha de uma sensação de que aquilo que estava acontecendo não era novo, apesar de a vivência do fato em si ser nova, atual, do presente.

Finalizaremos com as palavras de Rosella Sandri para retratar o estranho impacto da observação e as inconfidências do grupo: “Assim como um bebê que evolui, descobrimos a complexidade dos eventos psíquicos, a riqueza da vida emocional e, às vezes, temos a impressão de compreender melhor o que está ocorrendo no interior de nós” (1997, p. 67).

Maria Cristina Dias, Daniela de Castro Brito Landim Pinheiro

Referências

- Bick, Esther. (1964). *Notas sobre a observação de bebês na formação psicanalítica*. In: International Journal of Psycho-anal., 45, p. 558-566.
- Bion, Wilfred. (1962). *O Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Caron, N. A. (1995). *Fundamentos teóricos para a aplicação do método de E. Bick*. In: Revista Brasileira de Psicanálise, 29(2), p. 283-291.
- Cresti, L. & Lapi, I. (1997). *O esboço da relação mãe-bebê e a instituição hospitalar: díade ou tríade*. In: Lacroix, M. B. & Monmayrant, M. (eds.). *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 149-162.
- Mélega, M. P. (1995). *A supervisão da observação da relação mãe-bebê: ensino e investigação*. In: Revista Brasileira de Psicanálise, 29(2), p. 263-282.
- Mélega, M. P. (1997). *Pesquisa da atividade simbólica com ênfase no estudo do brincar: método de observação mãe-bebê Esther Bick*. In: Revista Brasileira de Psicanálise, 31(3), p. 745-760.
- Sandri, Rosella. (1997). *O Grupo de Observação: Escuta, Réverie, Transformação*. In: Lacroix, M. B. & Monmayrant, M. (orgs.). *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p.63-77.
- Talberg, G. (1995). *A supervisão da observação da relação mãe-bebê*. In: Revista Brasileira de Psicanálise, 29(2), p. 307-314.
- Atas do Curso de Observação de Bebês da SBPMG dos meses de janeiro e fevereiro de 2019.
Proposta para o Curso de Observação de Bebês da SBPMG.

Maria Cristina Dias
cristinadiaspsi@gmail.com

Daniela Landim
dcb.landim@gmail.com